

QUINTA-FEIRA
Lisboa--5 de Julho--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

111



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

AGOSTINHO FERNANDES



J. Valença

Convencido de que o prazer de admirar, ainda é dos mais gratos, tanto malhou na homenagem a Malhõa, que nada escapou pela malha. Sempre Fixe, que já saudou o grande Mestre, celebra agora o Grão-Mestre da merecidíssima homenagem.



Os ditos da semana



Ala arriba, ala, ala! A Póvoa despo-voou-se para ir à gare esperar os jornalistas e cobri-los de flores. Os jornalistas foram recebidos como o grande Elias. Foguetes e flores, banquetes e vinho verde, e a alma do povo da Póvoa vibrando de entusiasmo: A Póvoa deu tudo aos jornalistas e em troca não pediu quasi nada. Pediu apenas que se dissesse que ela é a mais linda praia do norte do paiz e que tem um enxerto de Vila do Conde que é mesmo uma vergonha, porque Vila do Conde, sem respeito nenhum pela legua da Póvoa, galgou aquele areal todo e foi instalar meia duzia de casas suas na casa do visinho, assim como quem mete os pés nas algebeiras de uma pessoa. Quer dizer, Vila do Conde fez exactamente o mesmo que nós os jornalistas fizemos — foi meter-se na casa alheia, com a diferença, porém, de que os poveiros nos queriam lá e nos recebiam com o grito característico de puchar as redes, transtornado em *evohé* testivo — *ala arriba, ala, ala*, e grita para os de Vila do Conde — *tóra, tóra, ala, ala*, que se faz tarde.

Ora os poveiros querem que os deixem em paz na sua casa, e foi o que fizeram os rapazes dos jornais. Devoradas as baltazarinas lagostas dos baltazarinos festins e dado o classico estalinho de guela sobre a ultima caneca de vinho verde, gritaram, quasi de lagrima ao canto do olho:

— Ala arriba, ala, ala, não que se fizesse tarde, porque é sempre cedo, para deixar tão linda terra e tão boa gente, mas porque de cá de baixo, havia tambem quem lhes gritasse:

— Ala arriba, ala, ala.

Poveiros do sul, os rapazes dos jornais, cá vão tambem a pesca de noticias.

Ala arriba, ala, ala...

Saias curtas Saias curtas, cabelos curtos, ideias curtas, tudo curto — eis a mulher. A saia curta serve para nos revelar, não as pernas da mulher, como poderia parecer, mas a sua alma.

Isto parece estranho, mas é assim mesmo.

A saia curta é o barometro das virtudes da mulher, não que se avalie da sua honestidade pelo comprimento das saias, como tambem poderia parecer, mas porque, pelo que elas fazem, se deduz das suas virtudes, da sua modestia e do seu pudor.

Ha saias curtissimas que são honestas e saias mais compridas que são indecentes.

Muitas vezes um gesto de mulher que pucha as saias para baixo, corresponde ao mesmo gesto em sentido contrario — para a puchar para cima.

A mulher que vai sentada num carro, ou se senta no *jauteuil* de um teatro e compõe as saias de minuto a minuto, não pratica um acto decoroso de pudor, antes pelo contrario, grita-nos aos ouvidos maliciosamente, num desafio.

— Guloso!

E' uma maneira de chamar as atenções.

A mulher que, no momento de compôr as saias para tapar trez dedos da barriga da perna, descobre palmo e meio dos donimios da liga e seus suburbios, não quer evidentemente tapar as pernas, deseja, pelo contrario, que o sexo forte compreenda quanto é fraco deante do fruto proibido e aquele gesto quer dizer:

— Se tu soubesses...

A mulher que não tem outra preocupação mais do que fingir que tapa aquilo que quer mostrar, desafia-nos insuaita-nos, dá-nos com as tibias pelas venas como quem diz:

— Chucha no dedo...

A mulher que é ingenua de verdade, não sabe que deve tapar as pernas, mostra-as tan-

to quanto as saias naturalmente caidas deixam ver, fazendo o seguinte raciocinio:

— A mamã que me fez as saias deste comprimento lá entende que o que fica á vela é para se vêr.

Sim, deliciosas leitoras do *Sempre Fixe*, porque ninguem nos convence que, se Voceencias quizessem ocultar as pernas formosissimas e esculturais, não tinham já feito a peregrina descoberta de que as saias compridas tapam até os tornozelos se fôr preciso...

Sejamos todos francos e deixemo-nos de *u* ntos.

Voceencias mostram o que é seu e nós contentamo-nos com o que nos dão. Assim é que está certo. E não vão voceencias julgar que estamos a prégar moralidade. Nada disso. E' que nós não gostamos de passar por parvos.

Ou isso... Pensa-se actualmente, em França, na substituição do lenço de assoar, pelo tradicional lenço chinês, de papel de seda, conhecido pela sua cobardia que faz com que, depois de ter ido uma vez ás ventas de uma pessoa, se deixe tomar de tamanho panico, com medo da *rèvanche*, que nunca mais é possivel aproxima-lo de qualquer nariz.

Preconisa-se o sistema como mais higienico e é.



— Tu não queres fazer nada, não queres trabalhar.
— Respeito os desejos maternos. Desde pequeno que ouço a minha mãe dizer: Filho, deus te livre de trabalhos.

A gente assôa-se ao papelinho e deita-o fóra em seguida, com se fosse um papel de rebufado, onde não falta sequer o atestado de que já foi usado. Mas, para evitar a porcaria que seria uma rua toda juncada de papelinhos multicores, aconselha-se o uzo de envelopes para os guardar no bolso, depois de servidos, produzindo a conhecidissima *essencia de nariz concentrado*.

O mais curioso é que ninguem se lembrou ainda de aplicar os mesmos envelopes ao lenço vulgar que tem servido centenas de gerações, e que se acha mais em harmonia com as necessidades das marés cheias das constipações de inverno. Parecia-nos mais simples, mais pratico e mais higienico, com a vantagem ainda de não se arruinar uma industria que se vae tornando prospera no nosso paiz. Isto para não nos decidirmos abertamente pelo lenço de cinco pontas, de que se servia o pae Adão, em virtude da mãe Eva ter declarado perentoriamente, alguns dias depois da pouca vergonha da maçã, que não tinha vindo ao Paraiso para ser lavadeira.

Mas este caso dos lenços faz-nos lembrar aquele outro do homem que andava pelas ruas, com um taboleiro cheio de pequenas caixinhas misteriosas, apregoando ainda mais misteriosamente — *Ou isso... Ou isso...*

Intrigada a população acorria ao estranho pregão.

— Que é isso que você vende.

— E' pó para matar pulgas. Infalivel.

— E como se uza?

— Muito simplesmente. Agarra-se na pulga pelas patas trazeiras, e, quando ela, espantada do atrevimento, se põe de olhos abertos a vêr se percebe a razão porque a maltratam, deita-se-lhe uma pequena pitada deste pó bem no cantinho dos olhos, e a pulga morre instantaneamente. Isto é infalivel.

— Oh diabo, diziam os circunstantes, mas parece que para evitar tanto trabalho era preferivel extrocega-la entre os dedos, como tambem fazia a mãe Eva, quando as apanhava na alcova nupcial que tinha debaixo da macieira.

— *Ou isso...* respondia fleumaticamente o charlatão explicando a razão do pregão.

— E se se metesse o lenço vulgar dentro dum envelope?

— *Ou isso*, responde tambem fleumaticamente o *Sempre Fixe*.

Ora assoem-se lá a esse guardanapo...

BIOGRAFIAS...

O Almirante caté com leite

Bento é um calvo e simpático garçon de table com mais linha que um ministro e com mais panache que o sr. dr. Julio Dantas... quebrar que torcer.

Encontra-se, a horas mortas, no Grandissimo Café Restaurant Italia, servindo atenciosamente a freguesia e contando as moscas, de braços cruzados, quando não tem nada que fazer. Por ser parecidissimo com um glorioso Almirante, foi cognominado de «Almirante». É um Almirante de trazer por casa, é certo, mas ninguém tem nada com isso...

Fala francês como uma galinha, discute as obras dos melhores escritores, receita laxantes aos fregueses e jura por todos os Santos (inclusive pelo sr. José Domingos dos ditos), que possui umas propriedades de tal valor que até as arvores das mesmas, em vez de frutos, dão pesetas ao cambio do dia!! Adora uma encantadora freguesa, que todas as tardes se deleita com as gaitadas da orquestra do café, e detesta esta porque, além de ser uma fabrica de notas falsificadas, tem o pessimo defeito de tocar trechos de 5 minutos com intervalos de meia hora. De politica nada percebe, mas em desporto é um verdadeiro assombro! Se até já pensou publicar um livro intitulado: «A influencia da bola no bife duro d'Italia», e um outro, em verso Alexandrino e Bentino, com este sugestivo titulo: «O Pau e a Loucura dalguns fregueses papo-secos, pelo manejo do mesmo». É incapaz de quebrar um prato, mas raro é o dia que não parte três chavenas e meia duzia de pires, num louvavel gesto de solidariedade para com os fregueses que pagam por um dedal de café a importante quantia de 1\$00.

Pois Bento, o simpático Bento, que é um calvo garçon de table e um autentico ponto... natural, deu-me ontem a desagradavel noticia (ainda não foi confirmada pelo papá *Diario de Lisboa!*) de que em breve partiria para a sua terra natal, não para vender café em comprimidos, um dos seus grandes inventos, mas para tentar o raid subterraneo Madrid-Lisboa num automovel marca «Guardanapo». Se a sua viagem fór coroada de exito, como espera, irá explorar as Minas de Café de S. Pedro da Cova e montará, junto do metropolitano do Rossio, um bar, com concertos de telefonia, cujos *haut-parleurs* colocados dentro do referido metropolitano, farão desmatar de inveja os colossos de reportagem: *Seculo* e *Diario de Noticias!*

Reolix

Companhia de Caminhos de Ferro do Norte de Portugal

Aviso ao publico

Em virtude do novo horario da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes (linhas do Minho e Douro) só entrar em vigor no proximo dia 15 de Julho, fica adiado para esse dia a entrada em vigor do horario desta Companhia. A n.º 3, de 5 de Junho de 1928, na parte respeitante a linha da Trofa a Guimarães e Fafe e linha do Vale do Tamega.

A parte do mesmo horario que se refere a linha do Porto a Povos e Famalicão e ramal de Leixões começará a vigorar no dia 1 do proximo mês de Julho.

Porto, 16 de Junho de 1928.—O engenheiro-director da Exploração, A. A. de Vasconcelos Porto.



—Ora esta. Admiro-me muito que este almanaque não traga o aniversario do nosso casamento!
—E por que cargas de agua havia de trazê-lo?
—Ora essa. Então não tráz as datas de todas as catastrophes.

ASPACTOS FOTOGENICOS

Mlle. PINTALGAYA NO CINEMA

Ha quem vá ao cinema para vêr fitas; e ha tambem quem lá vá para as fazer. Ha quem aprecie apenas os intervalos, para vêr quem está; outras pessoas apreciam mais a escuridão, enquanto a fita corre, e mal se distingue a pessoa que está dois lugares a seguir ao lasso. No meio de tudo isto, é verdade, tambem ha quem vá ao cinema por simples amor á arte. Mas estes *dilettantes* constituem a minoria.

Mlle. Pintalgaya está num dos sectores da minoria. Se gosta da clareza dos intervalos, para vêr quem está, não gosta menos — oh, até gosta mais — da obscuridade do espectáculo, enquanto a fita corre, e a sua imaginação divaga.

Porque Mlle. Pintalgaya, no fim de contas, é romantica como Elvira. Nem a *maquillage*, nem as saias curtas, nem os cabelos cortados, nem os braços nus, nem a leitura da *Garçonne* ou dos versos da condessa de Nolalles, nem os cigarros perfumados, que o seu *flirt* acende carinhosamente — nada deste verniz exterior consegue alterar a natureza intima de Mlle. Pintalgaya. Mlle. é romantica de alma e coração: ama um actor bem fotogenico, e aprecia as emoções fortes...

Se Mlle. Pintalgaya tem momentaneamente livre o seu *carnet de flirts*, ou o primo não pode acompanhá-la nessa noite, o primeiro cuidado, ao sentar-se no seu *fauteuil*, é reparar na pessoa que lhe fica ao lado. Se é uma senhora, um velho ou uma velha, a noite não lhe corre bem. Se é um rapaz, e está só, Mlle. Pintalgaya exulta. O cinema é uma grande escola de amor (pelo menos enquanto o espectáculo tiver que ser ás escuras...) e não deve ser agradável aprender a amar, a beijar, a ser abraçada e beijada — ao pé dum velho, muito menos ao pé duma velha. Bem basta a companhia da *mamã*, que seria muito melhor ter ficado em casa!

Mlle. Pintalgaya tem, porém, a sorte de ficar bem acompanhada. O rapaz que lhe fica á direita não tem, positivamente, o olhar de Monopoukine, nem a linha classica de Ramon Novarro. E', quando muito, um Damaso Salcède perfumado a Coty tendo nos labios uma fita escarlata, como a Sa-

lomé de Wilde. Mas isto basta a Mlle. Pintalgaya.

A fita corre. Furtivamente, Mlle. espreita para o lado direito. Damaso olha afoitamente para a esquerda. No escuro da sala, Mlle. perturba-se... E, quanto mais a sua perturbação sobe, mais ela olha, furtivamente, mais elle, cheio de audacia, a olha. Mlle. Pintalgaya não quer... Mas, quando elas não querem, é quando estão querendo...

A tal ponto Mlle. se perturba que, procurando vêr no programa (enquanto a fita corre) o numero de musica que se seguirá, deixa cair o programa. Damaso Salcède, proverbialmente gentil, curva-se para o apanhar. Ela tambem se curva. Curvam-se os dois ao mesmo tempo — e as suas mãos encontram-se. Jesus, que calor!

No primeiro intervalo — dez minutos que parecem dez anos — quando ele, de pé, a olha, Mlle. Pintalgaya baixa, candidamente, os olhos. Na *réprise*, porém, ela terá o cuidado de alongar o braço e colocar a mão de forma que Damaso lhe chegue sem dificuldade. Os braços encostam-se facilmente um ao outro. Os dedos entrelaçam-se... Os dois *fauteils* parece terem desaparecido, ficando em seu lugar uma *canseuse* macia, aconchegada e acariciadora. E' então que, para Mlle. Pintalgaya, o *film* começa a ter maior encanto...

O seu coração, palpitante, vai acompanhando todas as emoções da scena. Como eles se amam... Como eles se querem... Oh, como eles se beijam...

Dos pés á cabeça, toda ela treme, toda ela arde no fogo daquele beijo projectado no dela. Que bom, ser amada assim! E Mlle. Pintalgaya sente tão profundamente a emoção de aquele beijo visto no *écran*, que os seus olhos se fecham lentamente, docemente, absortos num sonho interior, e as suas mãos erram, perdidas, tateando num mundo desconhecido...

Não ha como o amor para fazer compreender o amor, como disse um filosofo de genio, mas anonimo, o amor é uma universal compreensão...

Carlos d'Agualva.

NAS AZELHAS... DO MAR



—Oh mamã, já viu aquele «papo seco»!
—Aquilo não é um «papo seco», é uma... ama seca!

Os binomes

—Tenho a certeza que vais passar por uma razoavel decepção, minha querida. Todavia, é mister que saibas o meu verdadeiro nome; estamos a dois passos do casamento e os documentos legais para o acto...

—Tu assustas-me, Jácome...
—Eu não sou Jácome...
—Então que és, Montalvão!...
—Tambem não sou Montalvão...
—?!...
—Sou, simplesmente, José Maria da Silva...

—Mas...
—Eu te explico, Inês, e perdôa-me. E' que eu, quando era caixeiro da loja de fazendas que meu padrinho que Deus haja tinha na rua dos Fanqueiros, senti aspirações de ser alguém de renome na minha terra. E, ou porque o balcão fôsse muito alto para mim, ou porque eu fôsse realmente muito baixo, o certo é que me sentia muito pequeno naquele meio. Além disto, o tratamento que ali me davam, as ordens, o trabalho, tudo, enfim, eu achava vexatorio para mim... — «O' Zé, traz para aqui aquela peça...» «O' Zé, arruma aquela peça...» «O' Zé, vai saber se aquela obra d'homem que está na costureira já está pronta...» E assim por deante.

«Ora, uma ocasião, disse cá com os meus botões:—«Cêbo!... Já estou farto de ser Zé! Não estou para mais! Peças para aqui, peças para ali, obras na costureira, obras no alfaiate!... Porque dibo não hei de eu mudar de nome e profissão? Sim, ser alguém?!»

«Depois, como estava habituado a lidar com peças e obras, achei-me com inclinações ou para o teatro ou para a literatura, não sendo, portanto, proprio lançar-me no meio artistico ou intelectual com o chabado nome que tinha.

«Ora estás a vêr, linda Inês, o mal que ficava, no cartaz, por exemplo, a gente lêr:—O illustre autor ou actor Zé Maria da... Silva; ou, então, nos jornais ou nos livros: «O nosso distinto colega e escritor... Zé Maria da Silva...»

«Antes de mais nada, por conseguinte, adoptei o nome pomposo, bem sonante, como todos que se prezam nas artes e nas letras, de «Jácome de Montalvão», e a primeira obra que subscrevi assim foi um anuncio que publiquei no *Diario de Noticias*, oferecendo-me para copiar peças teatrais ou distribuir obras literarias aos domicilios.

E aqui tens tu, como eu, para não fugir á regra, sem nunca ter acertado com a verdadeira vocação, mudel de nome...

—E agora... ó Zé... para casarmos, como ha de ser isso? Já estava tão habituada ao teu apelido!... Ficavame tão bem: «Mon...tal...vão»!...

—Então, filhinha, ficas a sonhá-lo em vão, como eu... E como te chamas Inês Rosa da Silva, ficarás sendo, quando casares, da Silva Bis...

Pig-Men



O marido ultrajado: — Quem havia de dizer que o meu barbeiro era amante de minha mulher! E o nãlandro que fazia tantos elogios á minha cabeleira...



A graça do sobrinho

Para o comboio da noite, que vai para o Algarve, passando enfadonhamente toda uma noite através do Alentejo, caminhava no Terreiro do Paço, muito apressadamente, embora fôsse cedo, um saloio que ia para Évora, carregado de sacos, mas com tipo de endinheirado, devido á grossura do cordão que lhe servia de corrente e á quantidade numerosa dos anéis.

De repente, surge-lhe de junto do quiosque que fica perto da estação um rapaz bem arredado, tipo de cigano, que se abraça ao recém-negado, com os protestos da maior amizade, chamando-lhe tio Belarmino para aqui, tio Belarmino para acolá, e perguntando-lhe pela tia e pelo resto da família.

O saloio a custo se desembaraça do pseudo sobrinho e, com um modo agressivo, diz-lhe que não é seu tio, nem nunca o viu mais gordo. Mas, daí a pouco tempo, reconciliados, embora sem o traço da consanguinidade, resolvem, por graça, tratarem-se por tio e sobrinho, para que, como tinham de fazer a mesma viagem, a passarem mais divertida.

Chegados ao Barreiro e instalados no comboio, travam conhecimento com a maior parte dos companheiros. Posto o comboio em marcha, o tio acabou por adormecer, num sono pesado de chumbo, e o sobrinho, que o espreitava a cada instante, aí por alturas de Setúbal, diz em segredo aos seus companheiros de viagem que vai fazer ao tio uma grande partida, tão grande que ele nunca mais se esquecerá dela na sua vida. Conta-lhes o plano: tirará a carteira ao tio na próxima estação, meter-se ha noutro compartimento da carruagem e, quando o tio acordar, julgar-se ha roubado...

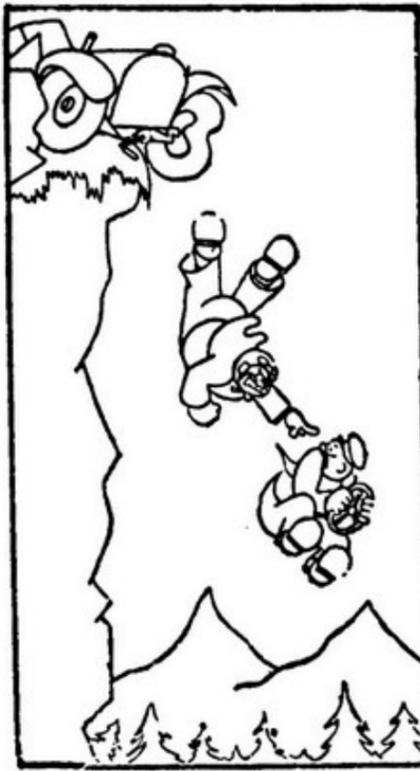
E, se assim o sobrinho o disse, melhor o fez. A certa altura, o saloio acordou e, dando por falta da carteira, pôz-se a clamar em altos gritos que estava roubado, que estava desgraçado.

E todos riem a bom rir, mas, passado um momento, para o acalmar, dizem-lhe que esteja descansado, que quem tem a carteira é o sobrinho, que mudou de compartimento para lhe fazer uma partida.

— Qual tio nem qual sobrinho. Eu não lhe sou nada! Nunca o vi mais gordo. Eie, o que é, é um ladrão!...

Sortes grandes
só o **FINA** as vende
78 - Rua de S. Paulo - 77

Cumulo de cortezia



O chauffeur — Cavalheiro, vá V. Ex.ª á frente.

Cronica amena dos tribunais

No tribunal da comarca de Sintra realizou-se ha pouco um importante julgamento. Entre advogados de defeza e testemunhas travou-se por vezes um violento duelo de palavras, que o *Sempre Fixe* vai registrar.

O dr. F. C. para uma testemunha de accusação:

— A testemunha acaba de fazer um depoimento absolutamente gratuito! Chamo a atenção dos srs. juizes!

A testemunha: — Pudera, sr. doutor! Ninguem me pagou para eu depôr...

O dr. R. G., depois de instar uma testemunha que nada adeantava sobre a causa em discussão:

— A testemunha encosta-se á trincheira e marra, marra, sem haver maneira de arrancar da trincheira.

O mesmo advogado:

— A testemunha chegou a falar ás vítimas?

— Não, porque elas estavam mortas!

— Estou satisfeito! Não quero mais nada!

Interrogando outra testemunha:

— No dia seguinte ao do crime, viu se as vítimas mexiam?

— Isso não reparei...

O delegado do ministerio publico instando uma testemunha:

— Quando encontrou a filha da vítima reparou se ela ta apoquentada ou estava incomodada...

— Não sei se estava incomodada. Eu, pelo menos, via-a satisfeita!

O dr. R. G.:

— A testemunha falou com as vítimas?

— Como elas estavam mortas, não tive coragem de lhes perguntar qualquer coisa!

O dr. R. G., no discurso de defeza do seu constituinte, protestou contra o facto de se não terem tirado as impressões digitais aos braços das vítimas.

O reu Barriga, ao ouvir ler a sentença que o condenava a 28 anos de prisão, exclamou:

— V. Ex.ª dá-me licença, sr. juiz?

— Diga lá...

— Eu não ouvi bem ler a sentença...

V. Ex.ª pode dizer-me se eu estou absolvido?

— Está condenado em 28 anos de degredo...

— Isso não pode ser, sr. juiz! Eu estou inocente! V. Ex.ª enganou-se, com certeza, na pena que me applicou...

— Não me enganei tal! Está condenado e bem condenado.

— Isso pode lá ser! Ha engano e grande!

Na Boa Hora, o juiz sr. dr. A. R., identificando a testemunha M. C. O.:

— Que idade tem?

— Cincoenta e sessenta e cinco anos.

— A sua profissão?

— Contribuinte da Praça da Figueira!

— Ora aí está uma profissão que eu desconhecia...

— Pois eu estou sempre a vender na Praça...

Antonio S. Bento respondeu na Boa Hora, acusado de desobediencia á policia. O juiz, dr. A. R. interroga o civico 409.

— Sabe se o reu estava bebido?

— Estava a melo pau, sr. juiz!

Na Boa Hora. Preside o juiz J. S. Responderam duas mulheres accusadas de se envolverem em desordem. O defensor M. M., quando o juiz lhe deu a palavra para fazer o discurso de defeza, começou assim:

— Eu sei que V. Ex.ª, sr. juiz, está a lavrar a sentença que condena as minhas constituintes...

O juiz:

— O quê? O quê, sr. doutor?! V. Ex.ª é muito curioso... Não sabia que o senhor era vidente...

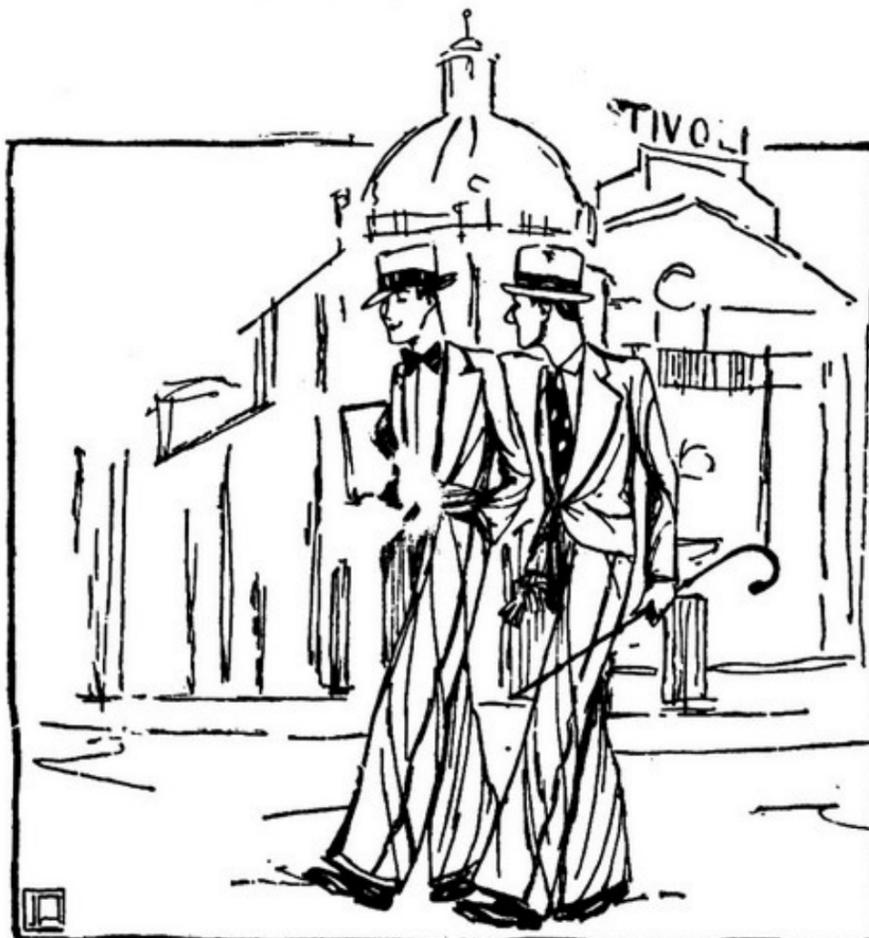
— Se eu me enganei, peço desculpa a V. Ex.ª... Visto as rés estarem absolvidas, nada mais tenho a dizer.

— Pois mais uma vez se enganou. Uma das rés vai absolvida e a outra condenada.

Afinal, nem um nem outro se enganou.

N. J.

A PROPOSITO DUM FILM



— Foste a estreia de IVAN, O TERRIVEL?

— Foi.

— Tambem fizeste barulho?

— Fiz... Resonava que nem um porco!...

A entrevista Voronoff--Ferronoff

O dr. Voronoff esteve em Lisboa. E, para gaudío dos leitores do *Diário de Noticias*, foi entrevistado pelo sr. Ferronoff.

Começava assim, a entrevista:

— «O dr. Voronoff, com a actualidade grafica do seu perfil, com as suas theorias que desafiam a morte, rejuvenesceu, ontem, o velho «sud-express»... O comboio chegou á tabela, agil, desembaraçado, vibrante e novo».

Não está ainda averiguado em que sitio da locomotiva foram enxertadas as glandulas.

Em todo o caso, felicitemo-nos por não ser mais longa a viagem Paris-Lisboa. Doutra modo teriamos um *sud-express* alimentado a biberon— e saindo do tunel do Rossio, a fazer *tem-tem*.

— «Os jornalistas lançam-se sobre Voronoff, ávidamente, sofregamente, gulosos do acontecimento, como se um avião estivesse á sua espera...»

Ha um verdadeiro concurso, uma verdadeira prova olimpica. Todos desejam colocar a primeira pergunta, ouvir a primeira frase da grande figura da semana.

Este senhor Ferronoff, com a ida a Amsterdam, ganhou mais um adjetivo para o seu vocabulário. E temos agora que gramar o *olimpico* a proposito de tudo.

O avião é tambem um objectivo de grande utilidade nas prosas ferruginosas. Como diria um caixeiro *modernstyle* dos Armazens do Povo:

— «Aquele avião dá-lhe á frase um tom muito avançado e muito fino».

Outro trecho do Ferronoff:

«Aquele banho é, de facto, tão precioso como um banho fotografico. E' a revelação do «cliché»... Aquele dr. Voronoff incompleto, encoberto pela poeira, amolecido pela viagem. O banho reparador vai pôr diante de nós o autentico dr. Voronoff, um dr. Voronoff sem reticencias, sem palavras vagas, o milagroso dr. Voronoff que vai falar aos nossos leitores...»

E' pena que o sr. Ferronoff não tome banho tambem! O banho reparador poria diante de nós o autentico Ferronoff, um Ferronoff sem reticencias, sem palavras vagas—o Ferronoff que falaria aos leitores com vergonha, gramatica e probidade profissional.

Assim, é um cliché por revelar... E' um Ferronoff incompleto, encoberto pela ferrugem, com o cerebro amolecido pelas viagens...

Bem dizia Voronoff:

— «Il a le talent... de bien voyager à l'oeil autour du Monde... mais malheureusement il n'est pas un homme du monde...»



O dono da casa — Disse-me a senhora que você se quere ir embora. Você vê cá em casa alguma coisa que não lhe fique bem?

A criada — Sim, senhor. Os vestidos da patrão.

Falta de agua

Ilustrissimo senhor
Bordalo, do *Sempre Fixe*
Dê ouvidos ao clamor
Dêste seu fixe leitor
Que já não mora em Carriche,

Que veio p'rá Lisboa amada
Aonde vive com magua
Por numa agua furtada,
Onde conseguiu morada,
Volta e meia não ter agua.

E' a pior das aflições
— Com contador na parede—
Não ter agua p'ros feijões,
E em certas ocasiões
Não poder matar a sede.

E p'ra mór descaramento,
A Companhia, — o estupor—
Exige-me o pagamento
Sem nenhum adiantamento
D'aluguer de contador.

Francamente não percebe
Esta forma de... enganar
E exclamo:— Ora cébo!
Pois se a agua eu não bebo
Nada tenho que pagar.

Não é justo. Não ha razão!
Não acha, senhor Bordalo?
E custa-me um dinheirão
Cada metro. Que esticão...
Protesto. Eu cá não me ralo.

Um preço destes mer'cia
A tal agua com bacilos
Que fornece a Companhia.
Se houvesse mais porcaria
Ou tivesse... crocodilos.

Isso sim! E' bem de vêr
Que tal preço não assusta
E se paga com prazer.
Porque sempre ouvi dizer
Que o que é bom, bem caro custa..

Recorro a Vossa Excelencia
Porq'hoje em dia a piada
E' que tem toda a def'rencia,
Isto a sério, com decencia,
Decerto não dava nada.

E assim por esta maneira,
A sorrir, a galhofar,
Certamente qu'a torneira
Lá p'ra quarta ou quinta feira,
Começará a pingar...

Minha morada afinal
Que até vêr não tem emenda,
E' Alcantara. No Casal,
Ao pé dos fornos da cal
E do Anselmo da tenda.

P'rá Companhia saber
Qu'isto não é dum anonimó,
Devo eu mais claro ser,
Minha morada a valer
E' Rua de S. Jeronimo.

Sem mais. Fico-lhe imenso
Obrigado. —

A. Lourenço.



— Ora esta. Então este copo nunca
enche?! —

A conferencia

O dr. Raul Loquela, cavaleiro da
Ordem do Avestruz, lente catedrático
da Escola dos Pavimentos de Borras
de Gaz, encontrava-se no seu escritó-
rio a redigir a futura conferencia sô-
bre a *Influencia do cascalho no ci-
mento armado*, quando o criado en-
tρου e lhe disse:

— Está lá fóra um sujeito que lhe
deseja falar.

— Mande-o entrar.

Um *gentleman* de ponto em bran-
co penetrou no escritório.

Raul Loquela indicou-lhe um *fau-
teuil* e perguntou-lhe:

— A quem tenho a honra de falar?

— Eu sou Guilherme Teles.

O sabio fez um gesto de ignoran-
cia.

— Sou o secretario de Lord *Wisky
and Soda*, rei do papel para embru-
lho.

— Ah! Já sei. O millionario ameri-
cano que está hospedado no Avenida
Palace vem estudar em Portugal
a fórmula de manter uma fabrica
para mastigar pasta de papel com o
fim altruista de evitar a crise dos
desempregados.

— Isso mesmo. Foi, de facto, o se-
nhor que fez uma conferencia nas
salas da Escola de Borrás de Gaz,
sôbre a influencia do cascalho no ci-
mento armado?

— Eu proprio.

— Muito bem. Ora eu venho propo-
sitamente para lhe fazer a seguinte
pergunta: Quer tornar a fazer a mes-
ma conferencia?

— Depende do local.

— Em casa de lord *Wiskk and So-
da*.

— Alguma recepção?

— Não lh'o posso dizer. Estou sim-
plesmente encarregado de saber se
tal é possível e quanto quer?

— Quanto quero?!...

— Sim, diga, porque havemos de
conceder.

— Nesse caso, cinco contos.

— Receberá o dôbro.

— O dôbro?! —

— Sim, homem! A'manhã, ás 9 da
noite, cá o virei buscar no automo-
vel.

— Combinado.

E o secretario saiu.

No dia seguinte, o nosso conferen-
te, vestido de casaca e com as varias
condecorações e fitas, esparava o se-
cretario do lord.

— Ora até que emfim! Vou fazer
uma conferencia deante de um publi-
co escolhido e distinto! Que bela
gente que ha de estar em casa do mi-
llionario! Os meus colegas hão de
morder-se de inveja! E depois o tê-
ma! Que grande terna!... «A influen-
cia do olho fechado de Camões!»

Bateram á porta. Era o secretario.

O academico seguiu-o.

Os dois homens subiram para um
automovel suntuoso.

— Estou a vêr as salas do milliona-
rio iluminadas a *giorno!*—pensou o
conferente.

Nisto chegaram a um edificio de
aparencia modesta.

— E' aqui que se acha instalado o
rei do papel de pasta?

— E'.

— E' boa! Que tipos tão esquisitos
que são estes americanos! Millionario
e instalar-se num hotel tão modesto!
Nem luzes, nem criados de libré!

Bateram á porta.

— E' aqui! — disse-lhe o secretario.

— Queira entrar.

Os dois homens, depois de atraves-
sarem um corredor, entraram num
quarto de cama, sôbre a qual estava
um homem deitado.

— E' então este senhor o tal confe-
rente que se procurava?

— Em pessoa! — disse-lhe o secreta-
rio.

— Ora então... queira começar a
sua conferencia... Já sabe quanto vai
ganhar, não é verdade?

— Que tipo tão extravagante! — pen-
sou o nosso conferente.

— Vá. Vamos a 'sto, que estou in-
paciente.

— Isto deve ser um homem de bom
gosto! — disse para si o sabio confe-
rente. — Se calhar é como Luis II,
quando quiz ouvir Wagner só para
si...

O academico começou a conferen-
cia. Durante cinco minutos abordou
com grande estilo monotono o olho
fechado de Camões.

De repente, ouviu-se ressonar. O
millionario dormia.

— Basta! — disse-lhe o secretario.

— Mas...

— Schiu!... Vamo-nos embora. Siga-
me.

O academico saiu com o secretario,
o qual á porta lhe disse:

— Pronto! Aqui tem os dez contos
e amanhã, á mesma hora, a mesma
quantia!

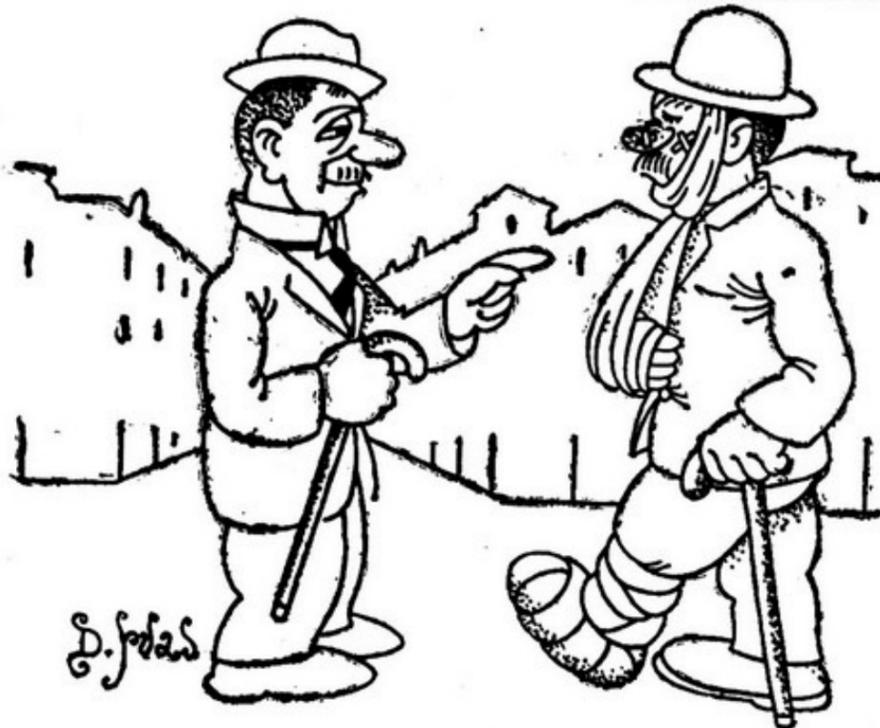
— Mas...

— Não ha mas nem melo mas... O
senhor é nosso durante toda esta se-
mana... O meu patrão ainda fica em
Lisboa oito dias.

— Mas não compreendo...

— Eu lhe explico. E' que este millo-
nario sofre atrozmente de insomnias.
Nem o veronal, nem banhos quentes,
nem brometos, nem nada... Ora, co-
mo tambem encontrasse a prohibição
dos estupefacientes, lembrou-se de
uma conferencia que tinha ouvido
em tempos, feita por V. Ex.ª e com a
qual conseguiu adormecer na pla-
teia. O resultado foi o que Vosselen-
cia viu agora. Em cinco minutos, co-
meçou a ressonar. Portanto, sr. dou-
tor, queira desculpar a franqueza e
até amanhã, á mesma hora...

Reporter B.



— Que tivestes?
— Um automovel.

BOM HUMOR

A *patrão*:—Maria, mexeste no da
rometro?

A *creada*:—Sim, minha senhora
Como hoje é o dia da minha saída,
mudei o ponteiro para «bom tempo»

* * *

No *restaurant*:

—Não é possível comer este peixe
Está pôdre. Creado, chama lá o pa-
trão.

—Eu chamo. Mas olhe que o mais
possível é que ele tambem o não que-
ra comer...

* * *

Entre amigas:

—Porque choras?
—Porque suspeito que o teu marido
já não me ama...

* * *

A *estrela*:

—Porque tens medo? Não me dis-
seste que nos *fauteuils* só estão pes-
soas amigas.

—Por isso mesmo...

* * *

Ela:—Ontem fui a tua casa, mas a
porteira disse-me que não estava nin-
guem.

Ela:—Então é porque estava al-
guem...

* * *

O *eleitor*:—De principio, é possível
que os apartes o perturbem.

O *nor deputado*:—Não creio. Não
se esqueça o meu amigo que vivo
com a minha sogra ha quinze anos...

* * *

Numa loja de fazendas:

—Porque diz o senhor que isto é
lá pura, se estou vendo que a etiqueta
diz «algodão»?

—E' para enganar os ladrões...

* * *

Numa exposição de arte:

Ela:—Que te parece este meu re-
trato a oleo?

Ela:—Não está mal; mas tu pintas-
te muito melhor...

* * *

Ela:—Por si era capaz de fazer o
maior asneira da minha vida.

Ela:—Então case-se comigo...

* * *

Ela:—Quando chegares ao Porto,
envia-me um telegrama.

Ela:—Imediatamente. E quando pos-
so pedir-te...

* * *

Na rua:

—Olha, Joana vai all com o noivo
de Luiza.

—Não admira. Ela não tem amor...
proprio...



—Sabes qual é o cumulo da mudez?
—Sel. Vender a «Voz» por três tos-
tões.

SCIENCIA POPULAR O GRAMOFONE

Segundo a teoria do meu falecido tio Darwin, o homem descende do gramofone, em linha mais ou menos recta — gramofonus — protopitecus — de Lineu.

Este singular aparelho, descoberto pelos antropoides do hemisferio austral, compõe-se, na sua essencia, de uma corda de aço ou esparto, que move um prato de ferro ou louça de Sacavem.

Os discos são de papelão pintado de preto e teem, como é facil de supôr, a forma circular, ao contrario das circulares quadradas.

Por meio dum braço de metal, mais ou menos musculoso, segura-se uma agulha bicuda, que ao fazer cócegas na epiderme do disco o faz tocar até a gente chegar ao verdadeiro delirio absolutamente musical e dançante. É preciso muito cuidado ao pôr a agulha nas bordas e, quando chega ao centro, tem de se tirar logo fóra, aliás estragam-se as pregas ou ranhuras do disco.

Os gramofones são providos dum espigão de ferro que se mete num buraco que teem os discos ao centro e serve para os segurar.

A teoria da reprodução do som consiste no seguinte: por meio de electricidade, em corrente alterna, electriza-se um disco de cera tão virgem como qualquer de nós. O som atraído pelo electro-magnetismo fixa-se na superficie do disco, não podendo sair. O som, contrariado por se vêr ali preso sem culpa nenhuma, tenta fugir, mas a agulha, espicando o pobresinho, obriga-o a cumprir a sua missão, o que ele faz, mas duma maneira lamentavel.

Por exemplo, o piano parece um tambor. Quando se batem os pratos, assemelha-nos ouvir desabar um guarda-loiça. A rabeca chora, soluça, trina e repenica como um pifaro, etc., etc.

Muita gente emprega, para adormecer creanças estremunhadas, os discos de Caruso, que são os mais grossos. Quem gosta dos delgados e compridos, usa os de flauta.

Os amadores de musica de *camara-escura* adquirem, por 250 escudos, os discursos fonograficos. Ha, ainda, os *noturnos* de Chopin, que são admiraveis de noite. As *sonatas*, que substituem a morfina. As variações em *si*, muito apreciadas pelas senhoras sensiveis. As *fugas* em *ré* maior e *ré* colossal, que dão optimo resultado na cadeia de sons. As *valsas* a quatro tempos e dois assobios. O *minuete*, genero francês, muito estimado por cavalheiros de meia-idade. Os *fados* em *dó*, que até fazem arrepios na espinha, etc., etc.

Ultimamente, apareceram uns gramofones sem gaita *funil*, a quem baptizaram de *grafonola* e que dão optimos resultados na cura de doenças mentais.

Existem, tambem, os gramofones de *movel*, que servem de mesa de cabeceira ou guarda-vestidos e que são movidos a motor, o que evita dar á mão.

Depois da minha viagem a Londres, direi mais qualquer coisa sobre este singular e engenhoso engenho.

Niza.



— Que faz aquele?
— Aguarda a morte dum tio rico.
— E de que vive agora?
— ... Da Esperança.

A SORTE GRANDE

QUADRO DE COMEDIA

(A scena é á porta do Café da Brasileira. Ao levantar o pano, encontram-se á porta da Brasileira Salreu e Vaz Metelo. Ambos chupam desesperadamente duas beatas).

SCENA I

Salreu (com cara de psicologo): — Em que pensas, Vaz Metelo?

V. Metelo: — Na sorte grande que me saiu no ano passado, na lotaria do Natal!

Salreu (com os olhos fóra das orbitas): — Saiu-te a sorte grande?!... Conta lá isso á gente!...

V. Metelo (dando um valente chupão no cigarro): — Ah!... Quando me lembro do prazer que senti ao vêr-me possuidor de tantas notas, todo eu estremeço!... (Da outra fumaça, vai á valeta do passeio e cospe).

Quinze dias depois de me sair a sorte grande, casei-me com a Margarida e, para seguir os costumes da moda, fomos a Paris passar a lua de mel. Quando regressámos, minha mulher pediu-me para que desse bailes e reuniões em minha casa, o que eu fiz, por mal dos meus pecados!... Nessa altura ninguem já se recordava da posição que eu e Margarida, dois pobres diabos, ocupavamos alguns meses atrás, e todos iam aos meus bailes, anciosos por se divertirem, tanto no salão como no buvette... A verdade é que eu era quem gosava menos nessas noites. Minha mulher é que se divertia. (Dá mais um chupão no cigarro). Uma noite, em que o salão principal da minha casa estava verdadeiramente deslumbrante, tive que dizer não sei o quê á minha mulher, que naquele instante não estava no baile. Perguntei aos criados e não me souberam responder. Resolvi, então, ir aos seus aposentos.

Salreu: — Estava lá, não?... V. Metelo (levando a mão á testa): — Estava abraçada com um elejante, que era o favorito das damas...

Salreu (triumfalmente): — Eu logo vi!... A tua mulher aproveitava aquelas horas de confusão para falar ao amante!

V. Metelo (de pé atrás e mão no ar): — Agarrei numa cadeira e dei com ela na cabeça do meu rival!... Depois, não sei bem o que sucedeu. Só me lembro de que recebi um cartão de visita do meu adversario.

Salreu: — Um duelo?...

V. Metelo: — Justamente.

Salreu (triumfalmente): — Eu logo vi!... E a culpa de tudo isso, afinal, foi a sorte grande!... V. Metelo (suspirando): — E foi!... Passados três dias, fui para o campo da honra, com uma pistola na mão, tendo á minha frente, numa distancia de 25 passos, o amante de minha mulher, armado de igual modo. O juiz de campo fez sinal e eu, tranzi-do de medo e sem forças, larguei a pistola no chão. Neste mesmo instante, senti em pleno coração a bala inimiga!

Salreu (outra vez com os olhos fóra das orbitas): — Alto ahí!... Eu não acredito que uma pessoa não morra com uma bala em pleno coração!

V. Metelo: — Espera e verás como é verdade o que te digo. Apenas eu me senti ferido, encontrei-me na casa de hospedes onde habito, sentado á minha mesa.

Salreu: — Que confusão! Mas como pode ser isso?!

V. Metelo (fazendo *achata o beque*, como os pestizes): — Porque adorme-ci. Isto que acabo de contar não foi mais que um sonho!...

(Pano rapidissimo)

TUDO MUDADO!



A dama do vestido verde

O André, um excelente rapaz trabalhador quando tem trabalho, está desempregado desde Janeiro de 1925. Como nada tem que fazer, encosta-se a uma parede na Praça dos Restauradores, onde se distrai vendo quem passa. Passavam carros e carretas, e muitas pessoas; mas pela direita, porém, de tudo isto, só o interessava uma dama que habitualmente passa ás sete horas. Realmente a dama é bonita dizia o André — e além disso aquele vestido verde dá-me esperança. Tantas vezes passou ele que, embora acanhado, decidiu segui-la e pôde, finalmente, saber onde era a sua residencia. No segundo dia já houve uma troca de olhares significativos e no terceiro, o André, entregou-lhe uma perfumada declaração de amor, copiada do «Manual dos Namorados». A «Dama do vestido verde», nunca tinha lido tanto em tão pouco papel. Guardou a perfumada carta no seu seio casto e, radiante, aceitou o amor de André. No quarto dia, a «Dama do vestido verde» passou no local do costume e o André dirigiu-se-lhe.

Então como passou? De seguida, a «Dama do vestido verde» deu uma grande bofetada no rapaz e gritou-lhe: «De onde me conhece você, seu patife?...» e seguiu.

O André, corou de vergonha e do lado direito corou um pouco mais devido á bofetada e desceu o bocado da Avenida que havia subido e foi pensando: «Não ha duvida que a mulher é doida. Ontem aceitou o meu amor e hoje dá-me uma bofetada. É doida, não ha duvidas.»

Encostou-se novamente á parede recordando a declaração e a bofetada, e julgou delirar. Novamente passava a «Dama do vestido verde», mas calma, esboçando um delirioso sorriso que deixava vêr uma enfiada de perolas... cariadas. Era realmente verdade. A dama sorriu-se e o André, mais uma vez se convenceu que estava na presença de uma doida. Por seu turno, a dama tambem chegou á conclusão de que tinha dado atenção a um doido; a um homem que se declarou num dia e lhe virou as costas no seguinte.

O rapaz nem dormiu uma meia duzia de noites, recordando sempre o seu infortunio. Quinze dias se passaram e o André sempre inconsolavel; porém, no passado domingo, novamente encontrou a dama, mas em duplicado. Abriu e fechou os olhos muitas vezes e viu sempre duas damas. Julgou-se doido e até embriagado... de amor, e afirmou-se mais. Então ouviu, uma delas, dizer: a este parvo já eu dei uma bofetada; e a outra: este foi meu namorado um dia. O André compreendeu que se tinha enganado e dirigiu-se. Todos ficaram bem, o André confundiu-as, eram irmãs gêmeas.

Viterbo de Campos.



O modisto — Creia, minha senhora, basta que a sua filha se torne um pouco mais esbelta para que no proximo ano possa já aspirar ao título de rainha dos manequins.



O que se diz e o que se não deve dizer

O triunfo do chocolate de Alcantara

Os rapazes de Alcantara ganharam bem o campeonato nacional de foot-ball.

Bateram por 6-1 o Salgueiros, que havia batido o campeão do Porto.

Bateram por 3-0 o Benfica.

Bateram por 3-1 o Sporting.

Ha por ahí mais algum que deseje ser servido?

Tendo jogado o campeonato de Lisboa com uma evidente mala-pata, o Carcavelinhos conseguiu finalmente impôr o chocolate da casa.

Antes dos dois ultimos encontros, todo o team fez estagios.

E daqui se conclue que para a gente humilde do foot-ball ha sempre uma certa vantagem em ver todas as manhãs o padeiro, a horas certas...

* * *

Ha zaragata olimpica entre a gente da Vela.

Os Sports de ante-ontem, num artigo de estalo, enche a barretina ao comité.

E começa a estar provado que o C. O. P. só serve para levar pancadaria. As tosas são applicadas anualmente e em geral de verão, após o fecho da epoca de foot-ball. E attingem o maximo de intensidade de quatro em quatro anos, que é o periodo incubador das asneiras maiores.

Desta vez, a questão navega em torno da inscrição nas regatas olimpicas do barco Camelia.

E' uma questão de camelices.

* * *

Lêmos num jornal espanhol a macabra aventura de quatro automobilistas, entre os quais um doido—mas um doido verdadeiro, matriculado, oficial, catalogado...

Eis a historia:

Para transferir um doido de hospi-

tal, dois doutores alienistas e um guarda tomaram lugar num automovel. O doido, ao lado do guarda, ia quieto. Olhava a paisagem...

Ao volante, um dos doutores guiava — á doida...

O maluco oficial olhava a paisagem e as arvores e os postes telegraficos que fugiam, fazendo pffuitt...

Depois, o que devia acontecer, aconteceu. O carro virou-se. Os dois doutores morreram. O guarda ficou gra-

vemente ferido. O doido não teve sequer, um arranhão.

Levantou-se, tratou do guarda, foi procurar socorros e, depois de tudo acabado, confessou que era doido.

Ninguém acreditou. E, ao que parece, o doido vai publicar um livro em que trata da loucura de certos automobilistas...

* * *

No mesmo barco que levava a equipe olimpica argentina, seguiu para o Brasil o team do Sporting.

Mas, enquanto os portugueses ocupavam a 1.ª classe, os argentinos contentavam-se com a 2.ª — tal e qual como se contentaram com a 2.ª classe do torneio de Amsterdam.

Nalguma coisa se haviam nossos de mostrar superiores...

* * *

O Sporting seguiu para o Brasil sem o peso do titulo de campeão de Portugal.

O Carcavelinhos fez-nos esse grande favor — daqueles favores que não se fazem nem ao diabo...

Os desafios do Sporting no Brasil serão, por conseguinte: — simples exhibições depois do chocolate...

* * *

Houve quem estranhasse o facto do Candido de Oliveira acompanhar o team do Sporting.

E evocou-se, a proposito, a frase sédica: — Quanto mais tu me bates, mais eu gosto de ti...

Não ha razão!

Porque vai ser até um divertimento aprazível para as longas séstas de bordo, a explicação mutua das Verbas Não Documentadas e da Ignobil Caba'a.

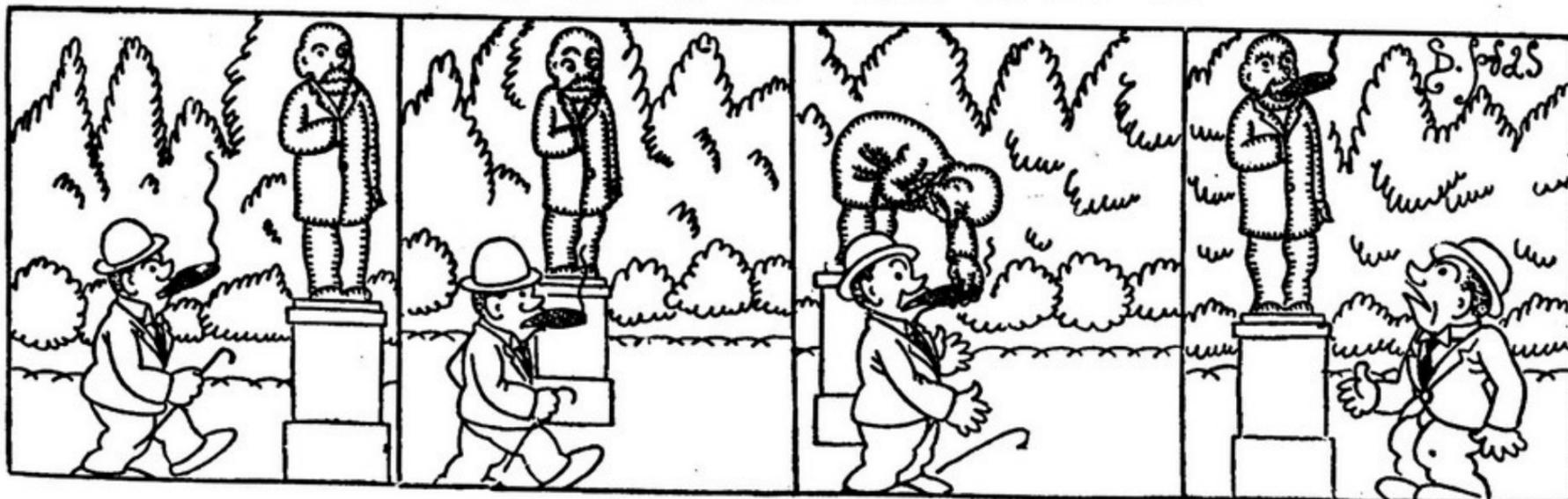
Rebola-A-Bola.

Os homens não se medem aos palmos



Aquilo foi subir pelo Sporting e tumba.. tumba... tumba... 3 goals. (Foi assim que os filoxeras d'Alcantara ganharam o Campeonato)

CONTO MUDO



ECOS DA SEMANA

POR BOTELEHO

UMAS GLANDULAS SALIVARES DE MACACO A'S TORNEIRAS DOS CONTADORES DA AGUA.

EM BAIXO VEEM-SE INTERESSANTES ENKERTOS



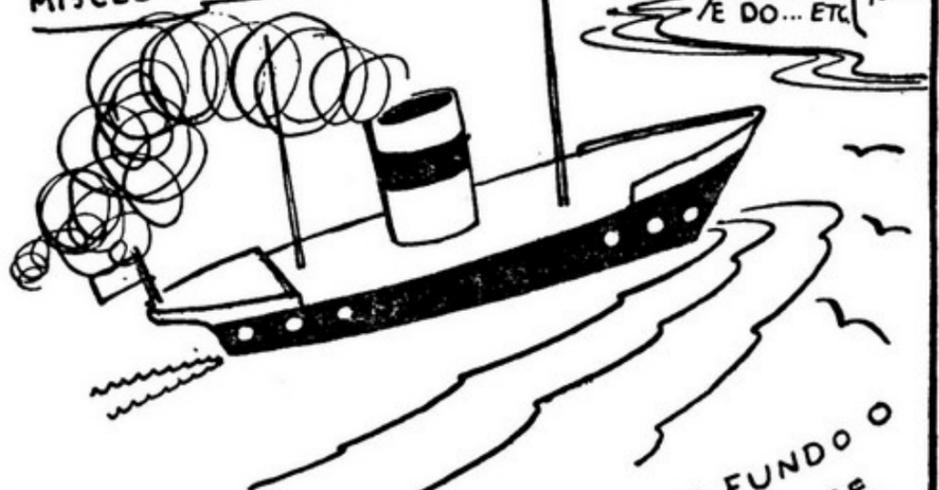
O DR. VORONOFF TOCOU EM LISBOA COM A VELOCIDADE DE UM COMETA — A CONVITE DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA AINDA POU- DE APLICAR

ENKERTO DE CASTANHA EM NOZ...

ASPECTO DUM GRUPO DE INTERESSANTES FEMINISTAS A SAIDA DO SEU CONGRESSO



MISCELANEA FOOT-BALL-CLUB



OS DE "ALCANTARA" METERAM NO FUNDO O SPORTING QUE, CHEIO DE VERGONHA SE METEU NO FUNDO DO "ALCANTARA"

CONCERTO NA LIGA NAVAL



MADAME CASTEEO LOPES FOI LÊVEQUE DA BRÉCA PARA COMER "CHICKLET'S" E TOCAR DE BUSSY MAGISTRALMENTE... É DEWANDER GABRIEL QUANDO CANTA FALLA PARECE QUE FALA E FICA SE... SEM FALA. A SUA VOZ DÔE A CARA DEWANDA A TODA A GENTE

FORAM TÃO QUENTES AS MANIFESTAÇÕES EM POVOA DE VARZIM, AOS JORNALISTAS, QUE AQUELES TIVERAM DE IR PARA A PRAIA ACALMAR OS ARDORES

